

O MARECHAL DE FERRO

EUCLIDES DA CUNHA

No meio em que surgiu, o marechal Floriano Peixoto sobressaia pelo contraste. Era um impassível, um desconfiado e um cético, entre entusiastas ardentes e efêmeros, no inconsistente de uma época volvida a todos os ideais, e na credulidade quase infantil com que consideramos os homens e as coisas. Este antagonismo deu-lhe o destaque de uma glória excepcionalíssima. Mais tarde o historiador não poderá explicá-la.

O herói, que foi um enigma para os seus contemporâneos pela circunstância claríssima de ser excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inóxia completa de atos que justifiquem tão elevado renome. É um dos raros casos de grande homem que não subiu, pelo condensar no âmbito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa translação acelerada para o novo regime ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admirável, ao invés da sua robustez, a nossa fraqueza.

O seu valor absoluto e individual reflete na história a anomalia algébrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, à medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar — porque se lhe operara em torno uma depressão profunda. Destacou-se à frente de um país, sem avançar — porque era o Brasil quem ele recusava, abandonando o traçado superior das suas tradições...

Diante da sua figura insolúvel e dúbia, os revolucionários apreensivos traçavam na tarde de 14 de novembro o ponto de interrogação das dúvidas mais cruéis, e ao meio dia de 15 de novembro os pontos de admiração dos máximos entusiasmos. Não se conhece transformação, ao mesmo passo, tão repentina e tão explicável.

Sobretudo explicável. O seu prestígio nascera paradoxalmente antes da revolução. Sabia-se ou conjecturava-se que sobre o regime condenado velava, imperceptível, aquela astúcia silenciosa, formidável e cauta, contaminando talvez dentro do próprio exército o traço subterrâneo da revolta; ou acompanhando-o talvez, linha por linha, ponto por ponto, num paralelismo assombroso, e no prodígio de conspirar contra a conspiração, ajustando soturnamente o rigorosíssimo da lei ao lado da rebeldia incauta, de modo que esta, ao estalar, tivesse de improviso, em cima, irrompendo da sombra, a mão possante que a julgaria.

Esta dúvida, ou dolorosíssima suspeita — sabem-no todos os revolucionários, embora muitos a negassem depois — era a mais inibitória incerteza entre tantas outras que nos manietavam.

Revela-o um incidente inapreciável como muitos outros, porque o 15 de novembro foi uma glorificação exagerada de minúcias.

Na véspera daquele dia, às 10 horas da noite, toda a segunda brigada, em plena revolta, estava em forma e pronta para a marcha. Mas antes de a realizar sucedeu o fato ilógico e inverossímil de seguir um capitão mandado pelos chefes revolucionários, a participar o acontecimento ao próprio ajudante general de exército, ao marechal Floriano. Por um impulso idêntico ao do criminoso que segue, num automatismo doentio, a confessar o crime ao juiz que o apavora, a conspiração denunciava-se. Atirava aquela cartada arriscadíssima; iludia o temor do adversário procurando-o; trocava a expectativa do perigo pelo perigo franco.

Mas nada conseguiu, diante do oficial rebelde que viera de S. Cristovão a procurá-lo, encontrando-o na única sala que se destacava iluminada no vasto quartel do campo de Sant'Anna imerso na mais profunda treva — o marechal Floriano apareceu ainda mais indecifrável. Determinou com a palavra indiferente de quem dá a mais desvaliosa ordem a uma ordenança, que se desarmasse a brigada sediciosa. Mas não fez a recriminação mais breve, ou traiu o mais fugitivo espanto; e não prendeu o parlamentarí indisciplinado que ao sair adivinhou adensados no escuro, dentro, no vasto pátio interno, todos os batalhões de infantaria, com as espingardas em descanso, e de baionetes caladas onde se joeirava salteadamente, em súbitos reflexos, o brilho das estrelas...

A consulta à esfinge complicára o enigma. Como interpretar-se aquela ordem apenas balbuciada pela primeira autoridade militar rodeada da parte mais numerosa da guarnição que os regimentos levantados iriam encontrar vigilante e firme nas formaturas rigorosas?...

A revolta desencadeou-se nesta indecisão angustiosa, e foi quase um arremesso fatalista para a derrota.

Porque a vitória foi uma surpresa; e desfechara-a precisamente o homem singular que equilibrará até o último minuto a energia governamental e a onda revolucionária — até transmutar a própria infidelidade no fiel único da situação, de súbito inclinado para a última.

Este golpe teatral, deu-o com a impossibilidade costumeira; mas foi empolgante. Minutos depois, quando diante do ministério vencido o marechal Deodoro alterava a palavra imperativa da revolução, não era sobre Benjamin Constant, nem sobre os vencidos — mas sobre alguém que a um lado, deselegantemente revestido de uma sobrecasaca militar folgada, cingida de um talim frouxo de onde pendia tristemente uma espada, olhava para tudo aquilo com uma serenidade imperturbável. E quando, algum tempo depois, os triunfadores, ansiando pelo aplauso de uma platéia que não assistia ao drama, saíram pelas ruas principais do Rio — quem quer se retardasse no quartel veria sair de um dos repartimentos, no ângulo esquerdo do velho casarão, o mesmo homem, vestido à paisana, passo tranqüilo e tardo, apertando entre o médio e index um charuto consumido a meio, e seguindo isolado para outros rumos, impassível, indiferente, esquivo...

E foi assim — esquivo, indiferente e impassível — que ele penetrou na História.

Vimo-lo depois, de perto, na conspiração contra o golpe de estado de 3 de

novembro.

A sua casa no Rio Comprido era o centro principal da resistência. Ia-se para lá de dia, em plena luz: nenhuns resguardados, nenhuma dessas cautelas, e ânsias, ou sobressaltos, com os quais numa conspiração se romanceiam os perigos. Os conspiradores iam, prosaicamente, de bonde: saltavam num porão, à direita; galgavam uma escada lateral, de pedra; e viam-se a breve trecho num salão modesto, com a mobília exclusiva de um sofá, algumas cadeiras e dois aparadores vazios. Lá dentro, janelas largamente abertas, como se se tratasse da reunião mais lícita, rabeava ferozmente a rebeldia: gizavam-se planos de combates; pesavam-se incidentes mínimos; trocavam-se alvitres, denunciavam-se trânsfugas, enumeravam-se adeptos, e nas palestras esparsas em grupos febricitantes vibrava longamente este entusiasmo despedaçado de temores que trabalha as almas revolucionárias.

De repente, uma ducha enregelada: aparecia o marechal Floriano com o seu aspecto característico de eterno convalescente sem se fitar em ninguém. Sentava-se, vagarosamente; e no silêncio, que se formava de súbito, lançava uma longa e pormenorizada resenha dos achaques que o vitimavam. Era desalentador.

Passado, porém, aquele sobressalto invertido, aquela quietude alarmante e aquela calma impertinente, mais cruciante do que a ansiedade anterior, renovava-se a agitação; — e no gizarem-se planos, no balancearem-se recursos, no pesarem-se todos os incidentes, no contraposto, no revolto, no desordenado, nos diálogos esparsos; ou cruzando-se, ou afinal fundidos na palavra única de alguém que atirava, de golpe, entre os grupos, uma notícia emocionante, naquele tumulto, o homem que era a nossa esperança mais alta lançava avaramente um monossílabo, um não apagado, um sim imperceptível no balanço fugitivo da cabeça, ou abria a encruzilhada ele foi infiltrando na conspiração a sua índole retrátil e precatada. Por fim — confiava-se no melhor companheiro da véspera...desconfiando.

É natural que a trama sediciosa se alastrasse durante vinte dias, inteiramente às claras e imperceptível; e que ao irromper a 23 de novembro o movimento da Armada — simples remate teatral da mais artística das conspirações — o marechal Floriano, imutável na sua placabilidade temerosa, seguisse triunfal e tranqüilo para tomar o governo, “obedecendo” a um chamado do Itamaraty, espantosamente disciplinado no fatígio da rebeldia que incorporava — e indo depor o marechal Deodoro vencido, com um abraço, um longo e carinhoso abraço, fraternal e calmo.

* * *

Conta-se que, ao estalar a revolução de 6 de setembro, no meio do espanto, e do alarme, e do delírio de adesões e entusiasmos, que para logo repontaram de todos os lados, gerando aquela angustiada comoção nacional culminada pela loucura trágica de Aristides Lobo — conta-se que o marechal Floriano requintara na proditória quietude.

Impassível naquele estonteamento, superpôs ao tumulto o seu meio sorriso mecânico e o seu impressionador mutismo.

Num dado momento, porém abeirou-se de uma das janelas do palácio abertas na direção aproximada do mar; e ali ficou um minuto, meditativo, na atitude

habitual da sua apatia, enganosa e falsa...

Depois levantou vagarosamente a mão direita, espalmada, vertical e de chapa para o ponto onde se adivinhavam os navios revoltosos, no gesto trivial e dúbio de que atira de longe uma esperança ou uma ameaça...

Traçou naquele momento o molde da sua estátua. Nenhum escultor de gênio o imaginará melhor, a um tempo ameaçador e plácido, sem expansões violentas e sem um tremor no rosto impenetrável, desdobrando silenciosamente, diante do assalto das paixões tumultuárias e ruidosas, a sua tenacidade incoercível, tranqüila e formidável.

RESUMO

O Marechal de Ferro Euclides da Cunha

O Marechal Floriano Peixoto destacou-se pelo contraste. Ele foi calmo, prudente e cético entre pessoas entusiastas, ardentes e apaixonadas. Foi um herói excêntrico. Representou nossa fraqueza, ao invés da nossa força. Ele cresceu ao mesmo tempo em que a energia nacional diminuía.

O seu prestígio, engrandecido antes da revolução republicana foi consagrado ao trabalho firme e discreto em favor da democracia. Um líder tranqüilo de uma revolução retumbante.

E assim, furtivo, fleugmático e indiferente, ele entrou na história do seu país.

ABSTRACT

The Iron Marshall Euclides da Cunha

Marshall Floriano Peixoto paramounted by contrast. He was quiet, prudent and sceptic among enthusiastic, fervent and passionate people. He was an eccentric hero. He represented our weakness instead of our power. He became greater simultaneously with national fading energy.

His prestige, enhanced before the republican revolution, was pledged to a discreet and secure work towards democracy. A quiet conductor of a theatrical revolution.

And so, stealth, fleugmatic and indifferent, he entered the history of his country.

O AUTOR

EUCLIDES DA CUNHA Bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais, foi aluno - com passagem acidentada - da Escola Militar, onde cursou Artilharia. Participou, como jornalista, da Campanha de Canudos, na Quarta Expedição, onde colheu material para escrever “Os Sertões”, obra resultante do amálgama de literatura, geologia, mineralogia, geografia, botânica, zoologia, história, etnografia, sociologia, filosofia, moral e arte, adicionando questões de logística e estratégias militares. Conheceu largos tratos do Brasil, sempre em viagens de serviço. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Dentre seus escritos destacam-se: Os Sertões (atualmente com mais de 70 edições); Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento ao Rio Purus; Castro Alves e seu Tempo; Peru Versus Bolívia; Contrastes e Confrontos; À Margem da História; e, Canudos (Diário de uma Expedição).